

ANÁLISE DO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES DE ROÇA VELHA – ARAUCÁRIA – PARANÁ: AS DO LUGAR E AS QUE CHEGARAM

Cristina Luiza Czerwonka Surek

Mestre em Educação pela UFPR

Professora de Sociologia do UNICURITIBA

Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão do UNICURITIBA

Pós-graduanda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR

RESUMO

O presente estudo pretende investigar como se constrói o espaço de representações de mulheres de diferentes gerações, habitantes de Roça Velha, uma área próxima da cidade de Curitiba e que ainda apresenta traços de ruralidade. A área investigada originou-se do desmembramento ocorrido em 1980, por causa da inundação pelo represamento do Rio Passaúna. Em Roça Velha, convivem mulheres locais mais velhas, uma geração de mulheres mais jovens também originária do local e mulheres urbanas que se mudaram para o lugar, em busca de qualidade de vida. É nesse universo que se desenvolve a pesquisa, visando investigar como se constrói o espaço de representações em suas formas de percepção, de concepção e vivência e como se produzem as relações que criam os espaços.

Palavras-chave: espaço, representações, mulheres.

RESUMEN

El presente estudio intenta investigar como se construye el espacio de representaciones de mujeres de distintas generaciones, habitantes de Roça Velha, una área cercana a la ciudad de Curitiba y que aun presenta rasgos de ruralidad. El área investigada se originó del desmembramiento que ocurrió en 1980, debido a la inundación generada por el represamiento del Rio Passaúna. En Roça Velha, conviven mujeres locales más viejas, una generación de mujeres más jóvenes también originarias del local y mujeres urbanas que se cambiaron para el lugar, en la

búsqueda de calidad de vida. Es en este universo que se desarrolla la investigación, intentando descubrir como se construye el espacio de representaciones en sus formas de percepción, de concepción y vivencia y como se producen las relaciones que generan los espacios.

Palabras claves: espacio; representaciones; mujeres.

INTRODUÇÃO

O que se pretende com este trabalho é refletir e investigar como se constrói o espaço de representações de mulheres de diferentes gerações, habitantes de uma área próxima à capital e que ainda apresenta traços de ruralidade.

Para isso procuramos investigar o espaço nas suas formas de percepção, de concepção e vivência buscando entender como se produzem as diferentes relações que criam espaços.

Uma área rural, uma colônia é produto de diversas ações e se apresenta como um conjunto espacial construído a partir de políticas públicas de ocupação da terra, da cultura de seus colonizadores, das formas de ocupação, da produção, das influências da cidade, do avanço do urbano, que neste caso específico, impacta fortemente todo o conjunto, processo que é mediado por relações de poder e que necessita ser entendido nas suas origens, com bases históricas.

O CENÁRIO REGIONAL

A Colônia Thomaz Coelho, fundada em 1876, no município de Araucária e da qual se desmembrou Roça Velha em 1980, devido à inundação provocada pelo represamento do rio Passaúna, foi o núcleo que recebeu a maioria esmagadora dos imigrantes poloneses da região de Curitiba.

Fundada pelo presidente da província Adolpho Lamenna Lins, um dos grandes defensores da imigração como principal instrumento para a ocupação e colonização dos vazios demográficos, tinha como principal objetivo abastecer a capital do Estado com gêneros agrícolas.

Formada inicialmente por 1274 ocupantes entre poloneses, franceses e holandeses contava com 183 lotes, mas devido a grande procura pelos lotes, ampliou-se passando para 270 lotes em 1878, sendo que em 1887 havia 387 propriedades de imigrantes poloneses.

Araucária, antiga Freguesia do Iguazu, subordinada ao município de São José dos Pinhais tinha em 1887, mais ou menos 3.871 habitantes sendo que na Colônia Thomaz Coelho residiam 1.071 pessoas, o que expressa a importância econômica e cultural da população polonesa. Eram 387 propriedades de colonos, resultantes da expansão dos 270 lotes pioneiros. (KERTEN, 1988)

As propriedades localizavam-se ao longo de pequenas estradas carroçáveis, distantes entre si de 500 a 1000 metros e a ocupação espacial era linear e dispersa, adensando-se, com o tempo ao redor da igreja.

A pequena capela construída na Campina dos Ausentes e que foi visitada pela Princesa Isabel em 10 de dezembro de 1884, transformou-se na capela de São Miguel, igreja atual.

Em 1889, Araucária tornou-se município e mesmo com o número significativo de habitantes na Colônia não ocorreu a formação de uma vila ou qualquer centro de comércio importante.

Nas fronteiras da Colônia além da venda de produtos agrícolas estava instalada uma das melhores serrarias das circunvizinhanças de Curitiba o que possibilitava um ganho extra aos colonos, tanto através da venda de madeiras quanto no trabalho como operários, além do obtido com o trabalho agrícola.

A propagação do trabalho assalariado entre esses pequenos proprietários fez com que realizassem um sobre-trabalho, cuja jornada chegava a durar 12 horas. Os rapazes passaram a empregar-se em serrarias e as moças polonesas nos serviços domésticos em Curitiba e além das atividades fora de casa, cozinhavam, lavavam e limpavam suas próprias casas geralmente à noite ou aos domingos.

O colono, enquanto pequeno proprietário, era ao mesmo tempo dono dos meios de produção e trabalhador.

No ambiente familiar além do reconhecimento do trabalho individual valorizava-se o trabalho externo como contribuição significativa para a manutenção da família.

As relações sociais cotidianas na Colônia, na Igreja e no comércio reproduziam o espiritual e o material, recriando valores culturais e padrões de

comportamento, fortalecendo-se neste processo contínuo a percepção que os colonos tinham de si mesmos, bem como a que a sociedade elaborava sobre os mesmos.

Na Colônia as mulheres organizavam a vida do lar, atendiam as crianças, cuidavam da educação e dos deveres religiosos.

Junto com as funções de mãe e esposa as mulheres ocupavam-se com a produção e venda de verduras, frutas e laticínios produzidos por elas. Algumas mulheres iam a pé e outras de carroça para Curitiba, algumas na companhia dos maridos e outras dos filhos mais velhos oferecer seus produtos para a venda.

As moças da Colônia vinham para Curitiba e trabalhavam nas casas das famílias mais abastadas como empregadas domésticas, fazendo compras, cuidando das crianças, cozinhando e carregando água dos poços que se localizavam nas praças como a Praça Zacarias. Na época era mais barato pagar duas empregadas, que entre outras atividades, carregavam água do que pagar os pipeiros (distribuidores de água).

Por um século, a Colônia manteve uma economia característica da produção camponesa. Com trabalho familiar, construiu sua identidade socio-cultural marcando a fisionomia da região de Curitiba e tornou-se uma grande produtora de batata inglesa.

A população continuou esparsamente distribuída, com exceção de um pequeno núcleo ao redor da Igreja, onde as chácaras são mais próximas e estão instalados o colégio, o convento, o cemitério e a sociedade recreativa, ainda atualmente.

Neste Núcleo aconteciam os encontros dos moradores aos domingos, para a missa e discussão dos problemas do povoado, rompendo o isolamento da semana e passando do espaço cotidiano na chácara familiar ao espaço social da reunião de domingo.

Os moradores falavam cotidianamente o polonês, o que já não ocorre.

A partir da década de 1970 a região sofreu uma profunda transformação com a instalação da Refinaria da Petrobrás e da Cidade Industrial de Araucária – CIAR. Asfalto, viadutos, rede elétrica e terraplanagem modificaram vertiginosamente a paisagem agrícola.

A urbanização começou pelas bordas da Colônia, com o surgimento de loteamentos e com a expulsão de pequenos proprietários.

A terra continuou sendo o elemento fundamental para a sobrevivência, com as atividades diversificadas devido às sucessivas divisões de propriedade ocorridas por questões de herança.

A possibilidade ou obrigatoriedade de buscar trabalho na cidade muitas vezes atraía e ainda atrai os jovens, que consideram o trabalho agrícola pesado e pouco valorizado, enquanto o trabalho na indústria e comércio remunera melhor e inclui direitos aos benefícios sociais.

No processo de modernização a colônia polonesa mais antiga e numerosa do Paraná cedeu seu espaço à industrialização. O centro tradicional de São Miguel viu suas terras inundadas pelo represamento do rio Passaúna e a Colônia se dividiu pela água, surgindo aí Roça Velha.

Com o crescimento de Curitiba os municípios da região metropolitana também cresceram aumentando as necessidades da população, em especial o que diz respeito à água. Em 1974, o rio Passaúna foi selecionado como uma das fontes de abastecimento de água de Curitiba, sendo projetada uma barragem de contenção cujo lago cobriu cerca de 800 hectares de terra com lavoura, campos, jardins, quintais, casas e fornos, afinal tudo o que foi construído pelos homens em quase 100 anos.

Moradores entrevistados na época diziam:

“– Aqui tem armazém, galpão, casa de moradia, paióis, galpão grande. E também dois paióis de troncos que servem de depósito. Foram construídos pelos meus bisavós. Era a sede, mas depois construímos estas casas de cá. Meu bisavô J.C. construiu quando chegou da Polônia, em 1900 mais ou menos.”

No final das missas de domingo só se falava da inundação que finalmente aconteceu.

Dividiram-se os moradores e quebrou-se a identidade do local e as relações sociais que solidamente se construíram no trabalho coletivo ao longo dos anos, se mantêm ainda, mesmo que parcialmente na Igreja de São Miguel e nos encontros que acontecem entre as famílias, mas perdeu-se a unidade, a vivência do cotidiano.

Pesquisadores da época afirmam que o principal traço da reação dos moradores à ameaça de inundação de suas terras foi o conformismo. Ao que tudo indica, recorriam às velhas normas de conduta política de seus ancestrais poloneses

que trouxeram da Polônia autoritária e conservadora um rígido código de obediência às autoridades. A postura construída ao longo dos anos em que não se exigia desta população nenhuma participação política e muito menos reivindicatória fez com que não houvesse contestação quanto à necessidade da represa ou ao direito do estado intervir na privacidade do cidadão.

ROÇA VELHA - PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Nas pesquisas e documentos produzidos durante o período que antecedeu a instalação da represa aos quais tivemos acesso, as atividades das mulheres estão vinculadas a rotina doméstica, alternado-se entre o preparo dos alimentos que se iniciava com o café entre cinco e seis horas da manhã, o trabalho no campo, o jantar, o terço em família e o recolher-se cedo para dar conta do dia seguinte. A rotina se completava com o preparo de broas e conservas, a faxina da casa no sábado, a lavagem da roupa, a ida à missa aos domingos e a participação de festas familiares ou na sociedade local.

A divisão do trabalho familiar era definida de acordo com o sexo. A derrubada da mata e o trabalho com o arado ou trator eram realizados exclusivamente pelos homens, sendo a capina e a colheita realizadas também por mulheres e crianças. As tarefas domésticas eram consideradas como trabalho exclusivamente feminino.

O trabalho com os tratores e o transporte da produção e mesmo a negociação direta com o intermediário ou o consumidor eram de responsabilidade dos homens, assim como a escolha do mercado; as mulheres não costumavam tomar parte nas transações comerciais.

Atualmente em Roça Velha, local escolhido para minha pesquisa, observei que há um número significativo de mulheres, algumas mais velhas, originárias das áreas rurais, esposas de proprietários de terra, que organizam as relações sociais em torno de laços familiares que, por conta de sua descendência, mantêm traços da cultura polonesa, trazidos pelos seus antepassados e mantidos pelas mesmas.

Estas mulheres, em torno das quais se organiza a vida familiar e também a social, uma vez que são elas que mantêm a tradição das festas de Páscoa, Natal, colheita, participam ativamente da organização da Igreja de São Miguel e agregam em sua vida cotidiana um grupo de mulheres mais jovens, originárias do local e outras, mulheres urbanas que, buscando uma melhor qualidade de vida optaram por

abandonar a Capital e outros centros maiores, passando a residir na área mencionada.

Em sua grande maioria as mulheres locais, mais velhas, desempenham trabalho doméstico e quando trabalham na agricultura não são remuneradas. As mais jovens que se reuniram ao grupo por força do casamento, participam da produção e venda de produtos agrícolas e de laticínios, mas num papel secundário, não como decisoras, mas como auxiliares de maridos e sogros, portanto de homens. Há ainda um outro universo de mulheres, originárias do local, mais jovens, que desempenham atividades agrícolas e comerciais e também atuam no setor público, como auxiliares administrativas alternando em seu cotidiano, diferentes papéis.

Em todas as observações pude perceber que há uma estreita relação entre espaço e gênero e manutenção de estruturas de poder.

A partir destas observações e para estruturar um trabalho de investigação que possa me aproximar de algumas respostas estabeleci como principais questionamentos deste processo um levantamento histórico e a definição de bases teóricas com ênfase especial nas categorias gênero e espaço.

MULHERES NO CONTEXTO

Até aproximadamente o final dos anos 1960, ser mulher no Brasil, significava identificar-se com o papel de mãe e com a esfera privada do lar, ter um casamento indissolúvel e realizar atividades que exigissem pouco esforço mental e físico, de acordo com a pesquisa “A mulher brasileira nos espaços público e privado” realizada em 2001 por quase 200 pesquisadoras que entrevistaram 2.502 mulheres brasileiras maiores de 15 anos, das áreas urbana e rural. (Ser Mulher no séc XXI p. 19)

Embora este padrão tenha constituído referência na época, as condições para sua concretização nem sempre eram oferecidas e em especial para as mulheres que habitavam a área rural, o trabalho doméstico e também a labuta pesada da agricultura eram tarefas realizadas pelas mulheres.

As mulheres urbanas entrevistadas quando solicitadas a definir “como é ser mulher hoje” na sua maioria associaram espontaneamente a condição feminina à possibilidade de inserção no mercado de trabalho e à conquista da independência econômica, à liberdade e a independência social de agir como quer, de tomar as

próprias decisões, características do mundo público. Os papéis tradicionais de mãe e esposa também aparecem, mas em grau menor. O mundo privado é o espaço onde as mulheres brasileiras identificam as piores coisas da condição feminina, tais como: o peso das tarefas domésticas, o acúmulo de responsabilidades na criação dos filhos, a violência conjugal, a saúde e a relação com o marido.

No campo é comum as mulheres não se identificarem como trabalhadoras e mesmo que os produtos produzidos por elas sejam vendidos, elas raramente consideram estas tarefas como remuneradas.

Para as rurais, ser mulher está mais relacionado ao casamento e à maternidade, mas também se ressentem de trabalhos pesados, da dupla jornada, da falta de apoio ao trabalho doméstico, aspiram a um maior acesso ao mercado de trabalho e aos estudos como forma de melhorar de vida. A maioria diz também que já conviveu com algum tipo de violência.

Considerando as diferenças resultantes da desigualdade regional, de classes e racial que estruturam as relações sociais no Brasil as experiências cotidianas de discriminação e opressão que as mulheres compartilham conferem-lhes uma identidade de gênero comum a sua condição feminina.

Entender o espaço de representações e como estas se constroem é o que se coloca como um dos objetos para esta pesquisa.

O ESPAÇO DE RELAÇÕES SOCIAIS

Há diversos teóricos que estudam a realidade e como ela se constrói e dentre eles destaca-se Berger (1985) cuja abordagem privilegia o cotidiano e a subjetividade ao afirmar que “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para os mesmos na medida em que forma um mundo coerente” (Berger, p. 35)

Ao se referir às múltiplas realidades afirma que a realidade da vida cotidiana é a que pode ser entendida como a realidade por excelência, que é apreendida de forma ordenada, composta de objetos designados como tais antes das pessoas entrarem em cena. Esta realidade está ordenada em torno do aqui (meu corpo) e do agora (meu presente), de um lugar que é geograficamente determinado.

A realidade da vida diária não se esgota nas presenças imediatas, mas a vida cotidiana pode ser percebida em diferentes graus de aproximação e distância,

espacial e temporalmente e na maioria das vezes o que se percebe mais claramente é o que constitui as zonas mais próximas, as da ocupação diária, constituindo-se assim o espaço de relações.

O espaço como realidade relacional emerge a partir da articulação social entre pessoas e objetos. Essa relação é marcada por um processo de modelagem simbólica no plano do conhecimento num determinado meio.

Nesta perspectiva a percepção do indivíduo é que edifica o conhecimento do espaço. Esse espaço assim entendido pode ser projetado como um universo de imagens espaciais concatenadas pelas representações. (GIL FILHO, 1966, p. 54)

Referindo-se à organização da sociedade e sua espacialidade Durkheim afirma: "a sociedade supõe uma organização consciente de si que não é outra coisa que uma classificação. Esta organização da sociedade comunica-se naturalmente ao espaço que ela ocupa". (DURKHEIM, 1978, p. 243)

A experiência da espacialidade manifesta-se a partir da fixação do sujeito no mundo, de um contexto que determina um campo perceptivo, das modalidades desta fixação, segundo Bailly que observa também que o espaço geográfico é um produto social, refletindo no solo a organização social humana, a partir de uma relação dialética que preside sua formação, seu funcionamento e sua permanência. (HOLZER, 1992, p. 449)

A identidade das mulheres objeto desta pesquisa deve ter sido construída, a partir de sua vida cotidiana, constituindo um mundo intersubjetivo, um mundo de participação, de contínua interação com os outros, um conhecimento do senso comum partilhado com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana.

A identidade é formada por processos sociais e uma vez cristalizada é mantida, modificada ou remodelada pelas relações sociais, cujos processos são determinados pela estrutura social.

Para Mitchell (2000) as mulheres foram parcialmente isoladas dentro e atrás de certos tipos de espaços, não como parte de uma grande conspiração, mas como consequência das decisões sociais tomadas por atores individuais e coletivos para a criação de uma paisagem suburbana e da transformação das funções femininas na sociedade industrializada. Um grupo de estruturas geográficas sociais foi criado dessa forma o qual teve, e tem, o efeito de reproduzir e reforçar certas normas culturais, formas sociais e realidades espaciais. A manutenção dessas estruturas então se torna um objetivo, do qual esses atores se beneficiam, buscando com que

as mesmas sejam entendidas não como estruturas sociais, mas como ordens naturais. (MITCHELL, 2000, p.200)

Na perspectiva da geografia a omissão científica da mulher enquanto sujeito social, tem sido apontada por geógrafas feministas que buscam a inclusão do gênero como objeto de estudo da geografia.

Esta constatação não se restringe à geografia, mas está presente também nas outras ciências. Narayan, apud Jaggar A; Bordo S. (1997) analisando a participação das mulheres na epistemologia afirma que as mulheres têm sido frequentemente excluídas de áreas de prestígio da atividade humana (a política ou a ciência, por exemplo), o que fez com que essas atividades parecessem muitas vezes acentuadamente masculinas. Nas atividades das quais não foram excluídas como o trabalho de subsistência, sua contribuição tem sido erroneamente considerada como secundária e inferior à dos homens, o que de certa forma sustenta a invisibilidade da mulher não só nas abordagens científicas mas também na construção de seus espaços de representação. (JAGGAR, 1997, p.276)

GÊNERO E ESPAÇO

O estudo das relações de gênero integra as análises sociais contemporâneas e procura demonstrar que todo fenômeno social tem uma dimensão de gênero.

A construção do sujeito é uma prática de gênero que se manifesta na centralidade que nossa cultura dá à definição de cada um de nós, a partir dos primeiros momentos de vida, designando-nos como homem ou mulher.

Teóricos contemporâneos argumentam que as diferenças de gênero são construções socioculturais que em épocas diferentes adquirem maior ou menor importância simbólica e geram práticas sociais diferenciadas. Na medida em que as práticas sociais de homens e mulheres começam a ter mais convergência, também as atitudes, as posturas e as linguagens vão se aproximando mais.

A postura desafiadora adotada por homens e mulheres para ocupar os lugares tradicionais definidos pela sociedade, embora deixem menos visíveis as fronteiras identitárias, não as fazem desaparecer, apenas tornam-se mais complexas em sua compreensão.

O conceito de gênero permite compreender que não são as diferenças dos corpos de homens e mulheres que os posicionam em diferentes âmbitos e

hierarquias, mas sim a simbolização que a sociedade faz delas. Assim, gênero é o conjunto de idéias que uma cultura constrói do que é ser homem ou ser mulher e este conjunto é o resultado de lutas na vivência cotidiana, conforme explica Silva.

O comportamento é instituído culturalmente por relações de poder e compreendendo que a cultura é construída permanentemente numa relação entre indivíduo e sociedade torna-se difícil entender as relações de poder porque as mesmas permeiam as práticas e gestos mais insignificantes do corpo.

As geógrafas Rose e Mcdowell, citadas por Silva afirmam que há uma complexa e paradoxal associação entre gênero e local, entre identidade e lugares particulares tanto para homens como para mulheres, associando também a esta discussão as categorias de público e privado associando-os a homem e mulher respectivamente. Dizem ainda que o estudo de gênero deve contemplar idade, raça e classe que são elementos interdependentes e em torno dos quais ocorrem disputas de poder.

Ao analisar a construção da masculinidade que o Promise Keepers, grupo de homens de base religiosa do Colorado fundado por Bill MCCartney, denominado Mensageiros da Promessa defende, Mitchell afirma:

que o que é aparente não só neste movimento, mas também na falta de atenção crítica da mídia, é o grau no qual as divisões de gênero nas famílias e na sociedade em geral são garantidas (e ativamente reforçadas) por muitas e muitas pessoas. “Homens e mulheres argumentaram no *Hartford Courant* e Deus sabia o que estava fazendo quando Ele criou o modelo de casamento com um amável e cuidadoso homem como o líder e a mulher como a parceira e companheira. Mulheres reais não são ameaçadas por esse modelo, mas libertas e fortalecidas pelo completo desenvolvimento de todo o seu potencial feminino”. (MITCHELL, 2000, p.203)

Considera ainda que o ponto importante no entanto, é que tais hipóteses tidas como certas sobre a naturalidade de divisões de gênero são por si próprias mantidas e reforçadas por divisões de espaço por gênero – divisões de espaço que permaneceram bem invisíveis em toda a cobertura da mídia da passeata do Promise Keepers .

Os grupos atribuem diferentes significados aos espaços e cada espaço pode ser ocupado por uma série de diferentes grupos e as práticas dos mesmos estarão imbuídas com diferentes significados e tempos distintos.

A geografia feminista procura compreender como o sujeito feminino é construído dentro das estruturas de dominação sócio-espaciais.

A rotina das mulheres é muito significativa para o entendimento do espaço vivido e percebido pelas mesmas. Os espaços do cotidiano demonstram como e quando as mulheres desempenham suas atividades. Há uma forte articulação entre o espaço temporal e fortes estruturas sociais que são influenciadas pelo que a sociedade espera que as mulheres sejam ou façam. Sobre isso Mitchell afirma:

O isolamento da mulher em casa era por si próprio um produto de mudanças ideológicas da vida em família, associado com o crescimento da burguesia – algumas ideologias foram chamadas de culto da vida em família ou culto da verdadeira condição feminina. A pressão exercida por essas ideologias e difundida pela mídia burguesa no final do século 19, nas revistas femininas dizia que “não havia função para a mulher fora desse modelo e conseqüentemente não havia tipos de residência baseadas em outros papéis. Mesmo historiadores e cientistas sociais dessa época insistiram que a família nuclear tinha sempre existido. Livros de pinturas arquitetônicas, junto com ilustrações de revistas do século trabalharam duro para estabelecer e refletir o espaço doméstico, além de reforçar esse ideal. (MITCHELL, 2000, p. 204)

O século XX é marcado por profundas transformações, em especial pela contestação da família patriarcal que ocorre pela transformação do trabalho feminino e da conscientização da mulher. Estes processos impulsionados pelo crescimento da economia informacional global, mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie e o impulso poderoso promovido pelas lutas da mulher e pelo movimento feminista podem ser observados a partir dos anos 1960. O movimento feminista tem causado impacto profundo nas instituições da sociedade e na conscientização das mulheres. Nesta perspectiva a pergunta que se coloca é: como entender o universo feminino de hoje, o rural feminino?

É necessário apontar para o conceito do novo rural brasileiro, entendido como um espaço onde se misturam cada vez mais não só as atividades econômicas, como também os valores, os modos de vida.

As cidades hoje invadiram a tal ponto o espaço rural que as interações entre as diversas atividades e modos de ser se dão em um mundo globalizado onde as fronteiras estão cada vez mais difíceis de ser definidas. Existiriam superposições de processos simultâneos: a industrialização da agricultura e o transbordamento do

mundo urbano naquele espaço que tradicionalmente era definido como rural, conforme afirma Siliprandi, apud Venturi (2004).

Outro processo inverso estaria ocorrendo, a volta dos citadinos ao campo como usuários do turismo, como empreendedores ou em busca de tranquilidade e alguma segurança.

As mulheres que vivem nestes dois mundos interagem entre si e entre os homens urbanos e rurais, influenciam-se mutuamente num movimento permanente e dinâmico, que tem a ver com seus meios de vida, o acesso a bens e serviços materiais e culturais, às possibilidades de organização social. Siliprandi afirma que pensar hoje no urbano e no rural exige consideração a estas questões: trata-se de partes de um todo interligado, com relações econômicas, políticas, sociais e culturais permeadas por relações de poder. Ademais estes mundos mantêm diferenças históricas, concretas, que também sofrem constantes modificações.

Nesta perspectiva, a interiorização da realidade que ocorre pela apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se significativo para mim, permite entender que mesmo em universos diferentes há leituras de mundo semelhantes.

Nem sempre o outro é compreendido adequadamente, mas a subjetividade do outro é objetivamente acessível a mim e torna-se dotada de sentido para mim quer haja ou não congruência entre os processos subjetivos do outro e os meus. Portanto, conforme Berger, a interiorização constitui a base primeiramente da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido.

Esta apreensão não é resultante de criações autônomas de significado por indivíduos isolados, mas começa com o fato do indivíduo assumir o mundo no qual os outros já vivem. O assumir é um processo original para cada pessoa e o mundo uma vez assumido pode ser modificado de maneira criadora ou até recriado.

Entretanto, o indivíduo sofre a pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa e exprime seus sentimentos. Essas representações diferem de acordo com a sociedade em que nascem e são moldadas.

As investigações realizadas até o momento não permitem ainda resultados aprimorados mas com as entrevistas realizadas e com as histórias de vida ouvidas é

possível perceber que muitas práticas utilizadas nos anos 1970 e 1980 ainda se mantêm, em especial as que estão ligadas ao fazer diário de homens e mulheres, mantendo seus espaços de representação.

BIBLIOGRAFIA

- BERGER, P; LUCKMANN,T.A. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes,1998.
- BETANINI,T. Espaço e ciências humanas. Rio de Janeiro:Paz e Terra,1982.
- BUENO,W.L. Kobiety polskie w Kurytybie pod koniec XIX wieku i w pierwszych dekadach XX wieku .Trabalho apresentado no I Simpósio Cultural Brasil Polônia, Curitiba.1988 .
- DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. Coleção Os Pensadores. São Paulo Abril Cultural, 1978.
- GIL FILHO, S. F. Geografia cultural:estrutura e primado das representações. Espaço e Cultura.n. 3 (Dez.1996) Rio de Janeiro.
- HOLZER,W. A Geografia Humanista-sua trajetória de 1950 a 1990. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro,1992.
- JAGGAR, A., BORDO, S. Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro:Record:Rosa dos Ventos,1997.
- KERSTEN,M.S.A Do camponês ao colono - Tomás Coelho - um núcleo colonial polonês. Trabalho apresentado no I Simpósio Cultural Brasil Polônia, Curitiba.1988.
- MITCHELL, D. Cultural Geography – A critical introduction. Blackwell Publishers LTD. Oxford, UK.2000.
- PAEGLE,L.M. Espaços do cotidiano feminino no bairro Mercês, Curitiba: um estudo de geografia e gênero. Dissertação de Mestrado. UFPR: Curitiba,2004.
- PARANÁ.Secretaria da Cultura e do Esporte . Coordenadoria do Patrimônio Cultural. A represa e os colonos. Curitiba,1986.
- SILVA,J.M. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica.Revista de História Regional 8 (1) Verão 2003.
- VENTURI,G., RECAMÁN M., OLIVEIRA, S. (org) A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo:Editora Fundação Perseu Abramo,2004.